

Futebol à moda da casa: a construção do Regionalismo e disputas culturais.

EDUARDO JOSÉ SILVA LIMA\*<sup>1</sup>

O sentimento regionalista foi bastante expressivo na década de 1920. É no Brasil pós 1889 que será possível o desenvolvimento de uma identidade regional que entrará em conflito com a construção de identidade nacional com base em uma centralização republicana. Com a virada do século XIX para o XX e o avanço da modernização das grandes capitais, como Recife, novas demandas políticas foram sendo construídas. Portanto, entendemos o regionalismo como uma maneira de interpretar o mundo a sua volta e uma maneira de propor um projeto de sociedade.

Por regionalismo entendemos não como um movimento organizado, com um líder, membros exclusivos, espaço físico, aos moldes de um partido político, mas sim como um sentimento, uma identidade construída. Segundo o Dicionário do Pensamento Social do Século XX a definição se Regionalismo seria a seguinte:

“Este é um termo usado para indicar um movimento sociopolítico inspirado pela cultura de determinada região e que tem por objetivo impedir que a identidade local venha a submergir na homogeneidade nacional, assim como tornar a região mais independente do governo central. O regionalismo é um fenômeno particularmente forte e recorrente nos países em que a formação do estado nação (Tilly, 1975) não obliterou diversas identidades culturais regionais, mas, antes, alimentou estratégias do governo centralizado de reprimir ou subordinar essas identidades aos padrões nacionais uniformes e unificados.”<sup>2</sup>

Logo, não é força do acaso esse sentimento regional aflorar justamente quando o estado de Pernambuco perde poderes políticos e econômicos, resultado a transferência do centro econômico do Norte para o Sul.

Nesse mesmo momento, mais especificamente em 1923, a CBD resolve promover o Campeonato Brasileiro de Seleções que consistia na disputa de seleções de futebol estaduais competindo entre si. Na primeira fase havia as disputas regionais e o vencedor enfrentaria as seleções de outras regiões do país até sair o vencedor. Os jogos da seleção pernambucana

---

\*<sup>1</sup> Mestre em História pela UFRPE e professor da UFAL. Eduardolima85@oi.com.br

<sup>2</sup> OUTHWAITE, William et al. (Ed.). **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 970 p.

causavam muita comoção por parte da imprensa e por parte da torcida, os jogos eram verdadeiras atrações na cidade e as notícias sempre falavam em públicos na casa dos milhares.

As questões regionais afloravam em vários aspectos da vida cotidiana. Eram frequentes as queixas por, segundo os reclamantes, os pernambucanos estarem imitando muitas coisas do “estrangeiro” ou da capital, o Rio de Janeiro. Algumas reclamações eram referentes a aspectos do dia-a-dia como, por exemplo, a maneira que deveria ser construída uma vitrine de loja ou dos alimentos que deveriam ser servidos nos cafés e restaurantes. Contudo, as manifestações de regionalismo mais conhecidas e repercutidas se deram no meio cultural, principalmente na literatura.

Todavia, a literatura não era o único caminho de manifestações regionalistas, o sentimento de prevalência das tradições e construção de novas maneiras de expressá-la era abrangente. Muitas vezes esse sentimento é exposto em matérias relacionadas ao futebol, seja exaltando uma vitória da seleção pernambucana ou de times pernambucanos contra times de fora do estado ou minimizando situações de jogo ou atitudes do adversário pela derrota. Como, por exemplo, acusar o adversário de utilizar jogadores profissionais ou as condições do campo de jogo, ou até mesmo reconhecer a derrota e exaltar a maneira de reconhecer a derrota como algo tipicamente pernambucano.

As excursões de times de fora do estado eram bem movimentadas, chamavam a atenção da imprensa, atraía um grande número de torcedores aos campos, mas nada se comparava com o atrativo da seleção Pernambucana. Vejamos o editorial da Revista da Cidade:

“Por mais desinteressado que se seja pelos desportos, sempre que se põe em jogo o nome de nossa terra natal, a gente vibra e pedi a Deus para que a terra querida não soffra o dissasbôr de uma derrota. E isso se tem evidenciado cada vez que Pernambuco se empenha na disputa do Campeonato Brasileiro de foot-ball, quando toda a população sorri na esperança radiosa da victoria parasse decepcionar, depois, quando os maos ventos da derrota sopram de rijo o estandarte pernambucano. Agora, aproxima-se a época em que todos se empenham no aprestamento de suas turmas representativas, preparando, por diferentes métodos, o melhor aperfeiçoamento dos que irão ao gramado com a responsabilidade de defender as cores de sua terra e nenhuma ocasião, consequentemente, será mais oportuna para o estímulo dos que recebem o mandato de representar lá fora o nome de Pernambuco. Todos os povos sentem, institivamente, esse amor sagrado pela sua terra e

empenham tudo pela glória de ver bem alto o nome pátrio, dourado pelo triunfo, em qualquer parte onde se cruzem as armas ou se empenhem as suas forças representativas, nas artes, nas letras, nas sciencias, nas industrias ou nos desportos. Dahi, decerto, o entusiasmo que se tem levantado em prol do campeonato brasileiro de foot-ball, entusiasmo que morre num arrefecimento decepcionado, ao infortúnio da derrota. E isso, exatamente, a falta de um preparo serio, consciente, que viesse garantir a resistência dos nossos homens. Agora, a oportunidade desse preparo indispensável. A sorte falha. E os que desejam triumphar pelo mérito, não devem confiar na sorte. Seja esse o nosso caso. E vamos pedir a Deus, não para que aos nossos valham azares da sorte, mas para que lhes incuta na consciência o verdadeiro caminho do dever: a vitória pelo mérito.<sup>3</sup>

De acordo com a avaliação do autor do editorial mesmo quem não era fã regular do futebol tinha orgulho da seleção pernambucana, torcia para que esta alcançasse vitórias e sofriam caso estas não ocorressem. O Campeonato Brasileiro tinha esse poder de agregar os apaixonados por futebol na cidade em prol de uma mesma equipe que representava o estado. O sentimento de união, o amor pela “terra natal”, é perceptível no futebol. Aliás, esses são os mesmo fatores listados por estudiosos que tem como tema o nacionalismo no futebol. Ao analisar o Campeonato Sul-Americano de futebol realizado no Rio de Janeiro em Maio de 1919, o historiador Leonardo Pereira conclui:

“Representando “um fato de grande significação nacional”, a vitória brasileira no sul-americano dava ao futebol na cidade o estatuto de “uma das mais respeitáveis instituições nacionais.” Ao consolidar uma identificação que tinha em sua base diferentes modos de sentir um mesmo orgulho nacional, o futebol convertia-se em um canal privilegiado de afirmação social deste sentimento<sup>4</sup>.”

Guardadas as proporções e contando com as especificidades do processo, podemos enxergar similitudes entre o processo de construção do nacionalismo através do futebol na capital Rio de Janeiro e a construção de uma identidade regional na cidade do Recife com o futebol local.

Voltando ao editorial o autor entende esse amor pela seleção local como algo normal, “natural”, e que acontece em todos os lugares do mundo. Todavia, sabemos bem que o

---

<sup>3</sup> Revista da Cidade, N-10, 31.07.1926.

<sup>4</sup> (PEREIRA, 2001, p.154)

nacionalismo ou o regionalismo são construções sociais e que nada têm de naturais. O futebol é apenas um dos espaços onde o regionalismo se expunha, os esportes, como práticas culturais, são apenas uma das vias do processo, o futebol como orgulho regional só era sentido pelos habitantes da cidade do Recife e regiões em seu entorno que era o público alvo.

Nota-se na matéria que, para o autor, o futebol é apenas uma das formas da população expressar seu sentimento de orgulho pela sua “terra natal”. O próprio autor cita que, na sua visão, os pernambucanos se orgulhavam de ver “suas forças representativas, nas artes, nas letras, nas ciências, nas indústrias ou nos desportos”. Esse “orgulho” é facilmente identificável na documentação analisada neste trabalho, principalmente nas linhas escritas por Gilberto Freyre, que nessa época, retornara ao Recife e se tornara colunista do Diário de Pernambuco.

No artigo número 1 da série de artigos numerados Freyre não economiza elogios ao romance Palaquim Dourado escrito por Mário Sette. “Para o romance Palaquim Dourado, o Sr. Mario Sette tomou um assunto que vem nitidamente reafirmar o seu propósito de fazer literatura regional. Regional e tradicionalista<sup>5</sup>.” Inicialmente há uma boa recepção do romance pela temática tratada no seu interior. A temática regionalista do livro é o que mais Freyre leva em consideração, o mesmo afirma que “a preocupação tradicionalista, a que Sr, Mario Sette vem subordinando sua atividade de romancista, é-me altamente simpática<sup>6</sup>”.

Além das questões literárias Freyre tinham outras preocupações com o rumo que tomava a cidade do Recife. A arquitetura e os rumos que tomava o desenvolvimento urbano da cidade eram temas muito tocados nas crônicas freyrianas. Sobre a capital pernambucana afirma:

“O Recife dá a quem chega a impressão de uma cidade sem árvores; e a quem demora uns dias a impressão de uma cidade sem música. Nos seus cafés e nas suas confeitarias não há sequer um arremedo de orquestra; pelas ruas não vaga um menestrel; os próprios mendigos já não cantam sua pedintaria; e quem nos dá notícia de um coro de igreja, duma capela qualquer onde se possa ouvir sem desconforto um pouco de canto gregoriano? Dir-se-ia que somos uns convencidos da doutrina de que já não me lembra que maganão citado por Alphonse Daudet: que a música é

---

<sup>5</sup> Diário de Pernambuco, 22.04.1923.

<sup>6</sup> Idem.

simplesmente a forma mais dispendiosa de fazer barulho. Amigos da economia e do silêncio, evitamos a música ou, antes, fazemo-la substituir pela chamada cena muda, que deliciosamente combina as vantagens de barateza e silêncio<sup>7</sup>”.

A mudança do centro econômico do Norte para o Sudeste do país, deixou marcas, também, nas questões culturais. A cidade do Rio de Janeiro, como capital, foi se fortalecendo como centro cultural do país, tal mudança não agradava a Freyre que entendia que deveríamos voltar as nossas origens, dos tempos em que Pernambuco era um centro cultural importante do país.

Como crítica ao modelo de desenvolvimento urbano e cultural da cidade, Freyre descreve alguns locais os quais deveriam existir na cidade do Recife. “Estive outro dia a imaginar um café ao meu jeito par a o Recife. Café ou confeitaria. Ou mesmo restaurante. Um café ou restaurante ou confeitaria que possuísse cor e características locais<sup>8</sup>” A demanda de Freyre era um local no qual as características locais fossem exacerbadas, um local no qual a cultura/tradição fosse exposta. “É verdade que isso de atmosfera não se improvisa”, com toda razão, é um processo de construção regionalista do qual o autor pernambucano será o maior defensor. Segue a descrição de como seria esse espaço:

“Vejo, porém, que ainda não disse o que seria o tal café do meu jeito. Caracteristicamente pernambucano. Regionalmente brasileiro. Capaz de fazer sentir ao estrangeiro um pouco de nossa vida e do pitoresco local. Imagino bem como seria semelhante café: uns papagaios em gaiolas de latas, côco verde à vontade pelo chão- não se serve côco verdes nos cafés do Recife!- uma fatura de vinho de jenipapo, folhas de canela aromatizando o ar com seu pungente cheiro tropical. À noite, menestréis- cantadores!- cantando ao violão trovas de desafio; um canto uma dessas pretalhonas vastas e boas, assando castanhas ou fazendo pamonha. Ao seu lado, quitutes e doces, ingenuamente enfeitados com flores de papel recortado, anunciando uma culinária e uma confeitaria que constituem talvez a única arte que verdadeiramente nos honra. Isso, sim, seria uma delícia de café.<sup>9</sup>”

Portanto, a ideia de Freyre não era um retorno ao passado colonial, mas sim que a modernização da cidade fosse de uma forma que o Recife não perdesse as tradições culturais

---

<sup>7</sup> Diário de Pernambuco 13.05.1923

<sup>8</sup> Diário de Pernambuco 14.10.1925.

<sup>9</sup> Diário de Pernambuco 14.10.1923.

as quais nosso autor considerava importante. A modernização em si não constituía um problema, mas o modelo que a mesma estava sendo realizada, com importação de valores europeus, esse questionamento passou a ser muito discutido no país principalmente no período pós Primeira Guerra mundial. Mas não era na culinária onde podemos perceber mais claramente essa linha argumentativa Freyriana, mas sim nos seus textos sobre a arquitetura e desenvolvimento urbano.

Nossa temática é o regionalismo entrelaçado ao meio futebolístico da sociedade pernambucana. As disputas do selecionado pernambucano no campeonato brasileiro mexiam com a cidade, as pessoas se importavam, acompanhavam, discutiam as convocações havia uma comoção com a seleção. Em 1923 foi instituído o Campeonato Brasileiro pela CBD e este seria disputado por seleções, tinha como objetivo congregar os esportes nacionais. Em Pernambuco o campeonato era encarado com seriedade era considerada uma honra para o jogador vestir a camisa azul e branca da seleção. A estreia Pernambucana foi já no primeiro campeonato em 1923 em um jogo contra o selecionado Paraense no campo da Avenida Malaquias, campo este que pertencia ao Sport Clube do Recife, como já vimos a estreia, apesar do resultado foi uma festa, “calculou-se em 5 mil pessoas, proporcionando uma renda também recorde: 16 contos de réis<sup>10</sup>”.

O campeonato de 1924 teve ainda mais cobertura da imprensa, todo o seu processo, o antes, o depois e principalmente o durante, com uma transmissão especial diretamente da Bahia via rádio e em praça pública. A Revista Pílhéria demonstra sua preocupação com o desempenho que o selecionado pernambucano terá no campeonato que chega:

“Está hoje considerado como assumpto de magna importância a disputa do campeonato brasileiro de foot-ball, para o qual todos os concorrentes se adestram, excepto, talvez, o nosso Pernambuco. A principio, nós teríamos de jogar com o selecionado cearense que, pela primeira vez concorre ao Campeonato. Depois de “marches” e “démarches” em torno de seus “casos” ficou resolvido que o selecionado, pernambucano jogará com o paraense, aqui, em nossa encantadora Mauricéia, indo o selecionado cearense bater as christas com os meninos possantes da bôa-terra...

---

<sup>10</sup> (Alves, 2000, p. 79)

De tudo, nós só pedimos aos céus que nos facilitem ensanchas de fazer uma figurinha menos ridícula para que se não diga, depois, que o bravo Leão do Norte já não sabe sacudir a juba<sup>11</sup>”.

Há uma preocupação para que o selecionado do “Leão do Norte” não passe vexame, lembrando que no ano anterior a seleção teve uma apresentação ruim perdendo para o Para no Recife. Assim o temor existente de não manchar a reputação do futebol pernambucano não deixa de ser a expressão de um sentimento regional, para que isso não ocorresse o autor deixa implícita a ideia de que uma desorganização do campeonato possa prejudicar o time local de alguma forma.

Muitos na imprensa criticavam a LPDT por vários motivos relacionados ao selecionado pernambucano. As críticas ora eram pela escolha de determinados jogadores em detrimento de outros, ora pela falta de treinamento ou pela demora na escolha dos nomes que integrariam a seleção. Uma dessas preocupações era expressa pelo redator esportivo da Província:

#### “QUAL O NOSSO SCRATCH?”

Eis a pergunta que nos é dirigida a cada instante por inúmeras pessoas que so interessam vivamente pelo bom sucesso das cores pernambucanas. Temos de enfrentar os paraenses dia 16. Será outro fracasso? A falta de compreensão dos dirigentes da LPDT não nos anima a responder satisfatoriamente. Se tivéssemos organizado o nosso selecionado, se conhecêssemos os onze homens que hão de defender o nosso Estado, naturalmente, não haveria motivo de repetirmos a pergunta- qual o nosso scratch?

A comissão de jogos, já realizou dois treinos e ainda não resolveu o problema...

Vamos, pois, consultar o publico qual o verdadeiro scratch pernambucano que deve jogar com os nossos irmãos paraenses.

Abaixo os nosso leitores encontrarão um questionário, onde responderão que devem figurar no scratch pernambucano e nos remeterão até o dia 12, quatro dias antes da realização do encontro, para o sr. chronista desportivo da “Província”. Diariamente publicaremos o resultado parcial deste plebiscito desportivo<sup>12</sup>.”

A importância que era dada ao selecionado pernambucano é notória, a preocupação com seu desempenho também o era. Como os últimos resultados não foram bons, havia a preocupação de um vexame. E porque motivo a derrota em um jogo de futebol seria um vexame?

---

<sup>11</sup> A Pihéria, ano 5, n.162, 1.11.1924.

<sup>12</sup> A Província 2.11.1924

Justamente pela importância que era dada ao esporte, nesse sentido o futebol representava não só os jogadores de futebol pernambucano, mas sim as honras e glórias do estado, representava seu passado guerreiro, o espírito pernambucano de bravura do Leão do Norte.

No primeiro jogo a seleção não decepcionou, venceu os paraenses no campo do Sport na Avenida Malaquias por um placar de 2 para os pernambucanos e 1 para os paraenses. Na Pilhéria fui descrito um relato do jogo visto pela ótica da arquibancada:

**“BAIRRISMO...**

A tarde radiosa do ultimo domingo foi bem uma tarde encantadora. Na arquibancada, naquele recanto onde, durante o segundo meio-tempo, se apreciava o ataque pernambucano, aquela deliciosa morenita de olhos azevichados e nariz petulante, torcendo pela vitória pernambucana, junto ao seu “flirt”, um moço, baixo, gordo, sympathico, olhava a esfera de couro que ia e vinha, cansada, poeirenta, à mercê da habilidade pebolista dos jogadores quando a linha pernambucana, num rápido avanço, conquistou a victoria.

Foi um delírio. A arquibancada recebeu um desabamento e toda a gente freuiu de entusiasmo, aclamando os heróis, enquanto a deliciosa morena de olhos azevichados e nariz petulante, abraçou-se ao seu “flirt”, esquecendo tudo, na delicia do entusiasmo, abraçando o moço baixo, gordo e simpático, como se ele fosse os heróis que conquistaram, lá no gramado, para a bandeira pernambucana o grande triunfo<sup>13</sup>.”

O olhar da arquibancada possibilita uma nova compreensão do futebol, ou melhor, do espaço de sociabilidade criado por ele. A cena da jovem com seu affair poderia ter acontecido, perfeitamente, no cinema, no teatro ou em alguns dos cafés espalhados pela Rua Nova. Espaços modernos como também o era a arquibancada de futebol, esporte que proporcionou uma alegria, um entusiasmo tão grande na jovem que ela abraçou seu pretendente projetando um dos heróis da conquista regional.

Ao vencer os paraenses o selecionado pernambucano teria outra missão, ir a Bahia enfrentar a seleção local vencedora do confronto contra o Ceara. Essa excursão pernambucana a Bahia é marcada por dois motivos: é a primeira vez que o selecionado pernambucano rompe as fronteiras pernambucanas para jogar futebol; a seleção de Pernambuco nunca tinha vencido

---

<sup>13</sup> A Pilhéria ano 5, n.165, 22.11.1924.



nenhum adversário no Campeonato Brasileiro e conseqüentemente nunca tinha ido tão longe na competição.

Houve um grande interesse dos recifenses pelo duelo Pernambuco X Bahia, toda essa demanda levou o Diário de Pernambuco a montar um esquema especial de cobertura do evento. Desde o momento do embarque para a Bahia houve acompanhamento, pois “é a primeira vez que do nosso Estado sahe uma representação oficial” e bem verdade que na visão do cronista esportivo do Diário de Pernambuco a seleção não era a favorita para vencer a disputa regional. Ele argumentava de que

“ o choque de interesses pequeninos, motivado pela má compreensão de uns pela política facciosa de outros e ainda: o descaso em que deixam os responsáveis pelos nossos destinos desportivos, assumptos do maior relevo e importância, para se entregarem numa quase loucura e questões estreitas e pequeninas e que só ao descredito podem levar o nosso meio, certo, bem outra deveria ser essa representação do nosso Estado.

Ressentindo-se de falhas sensíveis na sua organização e de rigoroso preparo técnico, o quadro pernambucano terá de lutar muito para resisitir ao seu terrível adversário. Só a bravura, pela vontade indômita de vencer poderá livrar Pernambuco de uma derrota que lhe venha a ser deshonrosa.

Oxalá que possam muito mais a força de vontade e o heroísmo desse pugillo de moços e que possa o nosso Estado conquistar assim esse triumpho que será justo e merecido<sup>14</sup>.”

Com um selecionado inferior tecnicamente, segundo o cronista do Diário, a única saída para Pernambuco era lutar com garra e força para assim ter alguma chance de vencer seu adversário. A “bravura” referida é constantemente citada ao longo do tempo como uma característica do futebol local, é entendida como uma maneira pernambucana de jogar futebol, já que não seria possível, diante dos resultados, construir uma auto- imagem de jogadores de futebol de alta técnica, foi sendo construída a ideia de que a seleção pernambucana sempre jogava se entregando ao máximo, com muita bravura e vontade de vencer, pois essas características poderiam compensar a falta de uma alta qualidade técnica no esporte.

É chegado o dia do grande embate, 30 de Novembro de 1924. Na sacada do edifício do Diário de Pernambuco foi colocado um auto falante e na medida com que as informações do

---

<sup>14</sup> Diário de Pernambuco 26.11.1924.

jogo iam chegando a redação, elas eram repassadas via auto falante ao público que as aguardava na praça em frente ao edifício do Diário. Infelizmente, para os Pernambucanos, as notícias que ecoavam não eram alegres. A seleção Pernambucana é derrotada pelos Baianos por 7 a 2.

Pouco menos de uma semana depois a dor da derrota ainda repercutia, em sua edição seguinte ao embate a Pihéria destaca em seu editorial o jogo e lamenta o desfecho que o mesmo teve.

“Já estafadas as velhas chapas da revolução, esta semana teve a encher-lhe o vasio os échos da grande partida de foot-ball que se feriu na zona da bôa-terra, entre bahianos e pernambucanos.

O descredito e o fracasso moral das embaixadas desportivas já se estavam tornando alarmantes para a nacionalidade e já os grandes abalisados mestres da diplomacia estavam olhando o caso como um mal de graves sintomas, quando nos chegaram aos ouvidos as noticias alvissareiras de que, no gloriosos rincão cearense, um pugillo de moços elevava o nome desportivo social da terra pernambucana, vencendo adversários perigosos, sendo vencido, sem demérito, sabendo perder, com honraa, e valorizando, com isso, por isso, a nossa tradição de gente civilizada.

Isto sucedeu com o “Sport Club Flamengo”, na terra ardente, hospitaleira e de bôa do Ceará, não há muitos mezes. Agora, com a necessidade, filha de uma victoria honrosa, da ida de uma representação pernambucana à terra bahiana, o exemplo dignificante daquele pugillo de moços foi tomado em conta. Isso mesmo afirmou aqui o presidente da embaixada pernambucana e isso mesmo fizeram lá todos os componentes da embaixada gloriosa.

As festas, as honrarias, as notas encomiásticas da imprensa, o écho da voz dos oradores e as demonstrações de simpatia tributadas aos pernambucanos pela Bahia famosa, de coração bom e largo, são a melhor prova da vitória pernambucana e são um padrão de gloria mais duradoiro que a vitória material conquistada no gramado, filha, muita vez, da sorte que sorri a esse para torcer a cara a aquelle.

Vale bem um registro amável o gesto fidalgo da embaixada pernambucana, coroando de rosas os seus próprios triumphadores, na mesma hora em que o seu pavilhão vergava ao peso da derrota. E eu tenho a impressão de que aquellas rosas derramadas sobre os vencedores, glorificavam, também, orgulhosas, a bravura e a moral dos jogadores pernambucanos que souberam perder com honra, que souberam ser vencidos com altiva dignidade em pleno século de egoísmo desenfreado e de avacalhamento absoluto.

Por isso, talvez, nesta semana, toda a cidade glorificou aos seus representantes que, simples e modestos jogadores de foot-ball, souberam, entretanto, dar um exemplo de dignidade e de lealdade que está a clamar aos céus por imitadores, para que a pátria possa ser, um dia, maior, muito maior.

De mim, tive para eles a minha homenagem e reservei-lhes esta chronica, simples e desataviada, mas sincera, com o alvo único de bradar-lhes o meu *hurrah!* De saudação, pelo relevo moral que souberam dar ao desempenho de sua missão.<sup>15</sup>”

Antes de comentar o fracasso da seleção pernambucana na Bahia João Outro, autor da coluna, inicia seu texto exaltando as vitórias do Sport Club Flamengo, clube pernambucano que excursionava pelas terras cearenses. Uma foram de contrabalancear a tristeza. Contudo a derrota do selecionado pernambucano não é vista como completo desastre, há tristeza, mas exalta-se a forma com que reagiram os pernambucanos, honrando sua terra natal perdendo de cabeça erguida, com dignidade. Portanto analisando os periódicos os pernambucanos tem uma maneira específica de reagir aos resultados futebolísticos, caso ganhem foi porque lutaram como guerreiros, usaram a força e a vontade para superar a falta de uma alta qualidade técnica, caso perdessem aceitavam a derrota com honra e dignidade mesmo em “em pleno século de egoísmo desenfreado e de avacalhamento absoluto”. De tal modo que havia uma construção de uma maneira pernambucana de se jogar, usando mais a força que a técnica, como uma maneira de se reagir as derrotas tratadas como uma peculiaridade pernambucana. Portanto além da questão de reforçar uma identidade regional, o futebol foi apropriado por um jeito regional de se pratica-lo e de entendê-lo.

Obviamente essa visão do futebol como representante da regionalidade pernambucana não era uma interpretação unanime. Silvio Campelo um conhecido crítico do futebol, expressava sua opinião sobre o assunto em um artigo intitulado de Coisas do Futebol da seguinte maneira:

#### **Coisas do Fútbol**

O futebol que, assim, como o whisky, importamos da Inglaterra está novamente, na ordem do dia. Lá, no Olympo da bóia, as coisas são assim: às vezes arrefecem, depois voltam à tona com amis intensidade. E por isto sahiu aqui quase uma comparação do futebol ao whisky- ambos embriagam. Eu também fui atacado da moléstia. Quando o jogo bretão começou a deitar raízes em Pernambuco- em 1905

---

<sup>1515</sup> A Pihéria, ano 5, n.167 6.12.1924, A nota dos sete dias, João Outro.

ou 1906- fiz parte de uma associação esportiva: o “Clube Esportivo Pernambucano”, um dos primeiros fundados, na cidade de Jaboatão. Por sinal que, por ocasião de um jogo, num choque de cabeças deixei lascada ade um jogador adversário- jogador esse que chegou, mais tarde, a ser secretário do Estado, para assignar minha demissão de um cargo público e, depois, deputado federal para deixar de me conhecer. Curei-me em tempo, porém.

E felizmente. Porque vim a perceber, de modo claro, que o futebol só tem servido para produzir desavenças e introduzir mais termos arrevesados em nossa língua.

Foi depois da mania do joguinho que a elegância entendeu de não achando bastante o francesismo, dar foros de beleza ao anglicismo. E tivemos o five ó clock tea, footing dancing, Polotiquice, Jornal, Comedoria – Hotel, etc, etc, etc, Por esta razão eu, que sou meio jacobino, não podendo dar jeito à barafunda, ainda a deixo maior, escrevendo: futebol, clube, esporte, e assim por diante. Pode não dar certo mas perde um tanto o feitio de bife. Quanto às desavenças nem é bom falar. Tenho conhecido amigos hontem, inimigos irreconciliáveis hoje por causa de um zero a mais ou a menos na contagem de seus jogos. E um zero, entretanto, não vale nada. O futebol tem coisas engraçadas. Quando a pugna sensacional (todos os jogos são sensacionais) pende para um lado, este jogou bem, mas o outro jogou mal, não senhores. Foi falta de chance. E falta de chance dá motivos para zangas: o juiz foi parcial, não actuou com critério e quejandas amabilidades. Dizem que o futebol tem entre seus princípios desenvolver o physico dos jogadores, cooperando para a melhoria da raça, e estreitar as relações de amizade de um Estado para outro. Eu só conheço futebolistas magricelas e... e de pés grandes, e ainda não tive noticia de uma partida de jogadores de um estado em outro (com exceção do Club Flamengo ultimamente no Ceará) que não terminasse dando desgostos. Há pouco assistimos aqui um caso destes. Jogadores do Pará perderam e sahiram dizendo cobras e lagartos. Jogadores pernambucanos têm ido a outros estados e sido tratados mal quando ganham. Por isto, se minha voz fosse ouvida (ella é tão fraca no meio da gritaria dos torcedores...) eu pediria que não fizessem recahir sobre Pernambuco o ridículo dessas lavagens de roupa suja. Pará contra Pernambuco! Pernambuco contra Bahia! É o que se ouve gritar. Atendam meus senhores, nem o Pará veio brigar com Pernambuco nem este vae brigar com a Bahia. Aqui vieram pebolistas paraenses que jogaram com futebolistas pernambucanos que vão jogar com pebolistas bahianos. Ponham-se as coisas nos seus eixos. É preciso moderar tanto entusiasmo irrisório. Um chronista meu amigo escrevia há dias, aplaudindo o resultado do ultimo jogo aqui. “Pernambuco não se deixa abater. A juba do Leão do Norte está sempre eriçada.” Olhem lá!... A embaixada (pomposo nome!) está na Bahia e hoje vae

travar-se o duelo da esfera de couro. Se os jogadores que foram daqui para lá ganharem, muito bem! Aquele cronista louvará mais uma vez a juba do Leão. Mas se perderem? Não vá um cronista baiano escrever em letras garrafas: Um leão avacalhado! A Mulata Velha corta a juba do Leão do Norte!” E convenhamos que isto só pode ser vergonhoso. Não pe melhor não meter os brios do Estado nessa história de jogo de pés<sup>16</sup>?

Samuel Campello logo nas primeiras linhas do seu texto, deixa clara sua falta de simpatia com o futebol. Sua base argumentativa é construída baseada em um sentimento de nacionalismo. Já analisamos que no período pós Primeira Guerra mundial eram comuns questionamentos sobre os rumos que o Brasil estava tomando na construção de sua sociedade, até então fundamentada em ideais europeus. Estes estavam na maior guerra já vista até então, numa carnificina sem tamanho, milhares de pessoas morrendo, portanto alguns setores da sociedade começaram a questionar o motivo de o Brasil estar baseando o seu desenvolvimento urbano, sua economia, suas práticas culturais nesses países que se digladiavam numa guerra sanguinária.

Nesse contexto começa a se desenvolver um sentimento de valorização nacional, das tradições brasileiras, contra estrangeirismos. Campello é claramente adepto a essa visão de mundo, fala do futebol como algo importado, se recusa a usar os termos ligados ao esporte que até então não tinham tradução para o português “escrevendo: futebol, clube, esporte, e assim por diante”. Há uma crítica forte a práticas culturais estrangeiras que faziam certo sucesso na época “tivemos o five ó clock tea, footing dancing, Politiquice, Jornal, Comedoria – Hotel, etc, etc, etc”.

Outra questão que vai além do nacionalismo é que o autor se sente enganado pelo futebol. O mesmo participou da fundação de um clube, praticava o esporte, pois nessa época, 1905-1906, o futebol tinha dentro das elites urbanas uma proposta completamente diferente do que estava acontecendo nos anos de 1920. Quando começou a ser praticado no Recife, e no Brasil de uma forma geral, o futebol tinha uma função de distinção social, de status, de desenvolvimento físico, o praticante do esporte bretão se sentia diferente por estar realizando atividades culturais de origem europeia. Contudo na década de 1920 o futebol muda completamente, sendo apropriado pelas classes populares, sendo praticado em locais

---

<sup>16</sup> Diário de Pernambuco, **Coisas do futebol**, Samuel Campello, 30.11.1924.

impróprios, como a rua, por exemplo, sendo utilizado como construtor de uma identidade regional, no caso de Recife. Devido a essas questões Campello se afasta do esporte, ele não estava cumprindo mais o papel social o qual as elites urbanas tinham planejado para ele.

Por fim há uma crítica do sentimento regional que o futebol vinha causando. Para Campello a comoção era exagerada, o autor não entendia como um esporte poderia representar o estado com tanta aceitação popular. Há em curso um processo de disputa de projetos de sociedade no campo cultural. Para Samuel Campello o futebol não deveria chegar ao nível de popularidade que estava adquirindo, pois era um produto estrangeiro e que devíamos valorizar a cultura nacional. E além de se tornar tão popular o futebol estava se tornando um símbolo de identidade regional quando a imprensa e a população o relacionavam com as cores da bandeira pernambucana.

Portanto é possível entender, baseado no *corpus* documental, que havia no Recife dos anos 1920 a construção de uma identidade regional no campo da cultura. E o futebol como uma prática cultural não foi alijado desse processo, apesar do movimento regionalista de Freyre não tê-lo citado, principalmente porque a maior preocupação dos regionalistas do movimento era com a literatura. Contudo essa demonstração do futebol identificado com esse sentimento regionalismo demonstra que, ao contrário do que muitos acreditam, o sentimento regional não nasce com Gilberto Freyre, tampouco é elabora por ele. Havia em vários setores sociais esse sentimento regional crescente, principalmente pelo o fato de que uma região tão rica e importante para o país como Pernambuco estava claramente perdendo espaço no cenário nacional para estados do sul do país.

Estudar o regionalismo através de uma pratica cultural como o futebol mostra que o movimento regionalista de 1926 é consequência e não causa de um processo de construção de uma identidade regional. A partir deste pressuposto podemos pensar em novas formas de entender a cidade do Recife nesse momento e como foi se desenvolvendo esse sentimento regional que tanto orgulham os pernambucanos atualmente, mas que por muitos pode ser entendido como um bairrismo exagerado.

### **Referências bibliográficas**

ALVES, Givanildo. **85 Anos de Bola Rolando: Federação Pernambucana de**

**Futebol 1915-1999.** Recife: Editora Bagaço, 2000.

\_\_\_\_\_**História do Futebol em Pernambuco.** Recife: CEPE, 1978.

ARRAIS, R. P. A. . **Recife, culturas e confrontos.** Recife: EDUFRRN, 1998. BERMAN, AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco.** João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária; UFPE/Editora Universitária, 1996.

BARRETO, Túlio Velho . **Gilberto Freyre e o futebol-arte.** Revista USP, São Paulo, SP, v. 62, p. 233-238, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportista?** In: \_\_\_\_\_. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 136-163.

\_\_\_\_\_, **Programa para uma sociologia do esporte.** In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990. P.207-220.

CALDAS, Waldenyr. “**Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**”. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 41-49, jun./ago. 1994.

\_\_\_\_\_. **O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894- 1933).** São Paulo: IBRASA, 1990.

CARVALHO, J. M. . **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual.** DADOS, RIO DE JANEIRO, v. 40, n.2, p. 229-250, 1997.

CORDEIRO, Carlos Celso; CORDEIRO, Luciano Guedes. **Sport – Retrospecto 1905 a 1959.** Recife: Editora Autor, 2005.

\_\_\_\_\_. **Náutico: Retrospecto de Todos os Jogos 1º volume.** Recife: Editora Bagaço, 2001.

COSTA, Marta Morais da. **O Modernismo segundo Mário de Andrade.** In: COSTA, Marta Morais da; FARIA, João Roberto G. de; BERNARDI, Rosse Marye. Estudos sobre o Modernismo. Curitiba: Criar, 1982

DECANDIA, Lidia. **O tempo invisível: da cidade moderna à contemporânea.** In: Margem (PUCSP), São Paulo, v. 17, p. 181-195, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Guia Prático , Histórico e Sentimental da Cidade do Recife.** Rio de Janeiro, José Olympio editora, 1942.

\_\_\_\_\_**Ordem e Progresso.** Rio de Janeiro, Editora Record, 1990.

\_\_\_\_\_**Sociologia.** Rio de Janeiro, José Olympio editora, 1957.

HAMILTON, Aidan. **Um Jogo Inteiramente Diferente! Futebol: A maestria Brasileira de um Legado Britânico**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LUMBAMBO, Catia Wanderley. **O Bairro do Recife: entre o corpo santo e o marco zero**. Recife: CEPE, 1991.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001.

\_\_\_\_\_(Org). **Os Sports e as Cidades Brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MORAIS, Jorge Ventura de ; RATTON JR, J. L. A. . **Gilberto Freyre e o Futebol: Entre Processos Sociais Gerais e Biografias Individuais**. Revista de Ciências Sociais (Fortaleza), v. 42, p. 89-109, 2011.

NETO, José Moraes dos Santos. **Visão do jogo primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIO, Fernando. **Meu Recife de outrora : Crônica do Recife Antigo**. Recife: CEPE, 1969.

PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (orgs). **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Editora autores associados, 2002.

PRIORE, Mary Del. MELO, Victor Andrade de. (Orgs) **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SETTE, Mário. **Arruar: História pitoresca do Recife Antigo**. Rio de Janeiro: C.E.B, 1948.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio de Janeiro in História da Vida Privada Vol. 3**. São Paulo: Schwarcz LTDA, p. 513-619, 1998.

\_\_\_\_\_. **“Futebol, metrópoles e desatinos”**. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 30-7, jun./ago. 1994.



SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. SANTOS, Ricardo Pinto dos.(Orgs). **Memória social dos esportes. Futebol e política: A Construção de uma Identidade Nacional.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOARES, Antonio Jorge. “**História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro**”. In: HELAL, Ronaldo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria.* Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13-50.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique. COSTA, Carlos Eduardo.(Orgs). **Visão de Jogo: Antropologia das práticas esportivas.** São Paulo: Terceiro Nome, 2009.